



OS LUBANGOS (I)

| Tema: [Artigos](#) | Autor: [Hélio Sozinho](#) |

OS LUBANGOS (I)

“Lalipo Lubango” (V. Bastos), “A do Lubango Pitanga”, (Beto Cruz), “Ombela ko Luvango yo ia...” (Nelson), “Lubango wa Fina” (?), “Ko Luvango yo mapelo” (?).....

Estas e outras expressões aqui não citados, melodiam o Lubango com os seus lubangos. Cedo ou tarde, tristes ou alegres, cantaram! Estando lá ou cá...por aí mas melodiam. Embora cada um dos autores destas expressões tivesse na sua essência uma razão profunda ou ténue, manifesta ou latente, ainda assim cantaram os seus lubangos, cada um cantou como entendia o à sua maneira “lubanguearam”.

Assim compraz-me falar como eles e outros cantaram; melodias das rolas, das ondjangjas, dos catuituíis, das onduvas, dos cangumbes, dos ombambi, dos candimbas, dos nguluves, dos asnos transmovendo tição, dos morangos e das maçãs, dos sonidos madrugadores das quitadeiras que os lubangos pingados arrastam desde memórias secularizadas e sacramentalizadas dos reencontros dos espíritos Oluvango endiabrados num congresso já mais visto, qual Meca e Yatribi.

Antes de ousar sobrevoar sob as asas do “maisvelho” castiço, vestido de alabastrino com um mirar saudosista de Bandeira e Sá, relemro que o nosso Lubango, possui vários lubangos aceites, compreendidos, entendidos e apreciados nas múltiplas dimensões, principalmente no tradicional mês de Agosto.

Este mês atrai vários lubangos “com pranto no cotovelo nascente”, das quatro comunas, sendo engolidas pela selva de betão com os “catorzinhos da mãe grande”, incluindo as províncias que a circundam, desolvitando os lubangos alojados em outros países, que profiro.

Cada um trás o seu lubanguear, numa simbiose agostina que, acaso muitos não tenham cantarolado e proseado os lubangos que eles viram, ouviram, criaram, amaram, odiaram, gostaram, gozaram e despediram-se.

Os diferentes lubangos não se limitam ao Picadeiro ou Sé Catedral. Não, não e não! São oriundos de todas as partes do mundo, uns cosmopolitas e holísticos e outros forasteiros com nostalgia do lugar deixado e flutuando na órbita da globalização com códigos culturais novos e velhos num coro dissonante sedento em ajustar o bolso de apátridas e encher a barriga dos filhos.

Um pandemónio no palco circense, dissimulado na terra, fora ou dentro dela, os “apátridas cerebrais” que controlam as garotas mais lindas, os carros caros, as noites mais badaladas, um estilo de vida boémio sonhado em “terras alheias” agora realizado, numa

osmose desanuviada nas sessões paradisíacas luxuosas, elaboradas e, como diria Pessoa, o Lubango “tem todos os sonhos do mundo”.

Alguns lubangos avançam em direcção à capela para uma reza e, num dia que não se sabe qual, vão ao encontro de um camião, conduzido por um engenheiro da plebe, acompanhado por um escrivão, uma dúzia de soldados romanos e um grupo coral de mamãs sofredoras cantando um hino dissonante, cuja marca não entendem, não sabem interpretar, não querem saber nem aprender.

Outros lubangos posicionam-se “na orla da exclusão e dos excluídos”: os lavadores e os controladores de carros, os transportadores de água para os prédios, as empregadas domésticas, os protectores domiciliários, as princesas que procuram nas noites agostinas a oportunidade de encontrarem os seus príncipes.

Há os lubangos das barracas, tradicionais ou modernas, sem tiques ocidentais, momentos e circunstâncias nas relações humanas. Aqui impõem-se o respeito das zonas marginais, não a lei da selva; uma música ao estilo do vendedor ou exigência dos fregueses;

Tudo sob o olhar e consentimento, da “Velha Senhora”, os lubangos felizes na sua existência ficam em expectativa saudosa aguardando as próximas festas lubanguenses no mês de Agosto.